

Inventividade

Patricia Paredes

2015

Apresentação

Os contos deste portfólio foram feitos para a matéria de Escrita Criativa, do segundo semestre do curso de Cinema da Universidade Federal de Santa Catarina.

A proposta do professor Márcio Markendorf, era de que os alunos produzissem um conto toda semana durante o semestre, baseado em um tema que ele daria em sala de aula.

Sendo assim, este portfólio conta uma seleção dos melhores contos que redigi ao longo do semestre mais a produção do um roteiro de ficção científica alienígena.

SUMÁRIO

Aquela história de amor	1
Armário de crianças	2
Mad Line.....	3
Por Sophia.....	4
Casaco de Lobo.....	5
A chegada do cacique Tibiriçá em Portugal.....	6
Minha amada Sofia.....	7
Amarrada ao prazer.....	8
Jeito de amar.....	9
Roteiro ‘‘ Quem somos nós?’’	10

Aquela história de amor.

Estava nostálgico aquele dia, sentado no banco da praça comecei a lembrar dela. Não queria, não queria mesmo! Eu ainda sentia raiva e meu estomago começava a borbulhar só de pensar. Só haviam se passado duas semanas.

Começava garoar de leve, mas eu não queria levantar daquele banco. Desejava que ela aparecesse naquele mesmo momento, que me abraçasse, queria ver seu sorriso de novo. Queria ela. A garoa começou a pesar até virar chuva. E nada dela, minhas suplicas a Deus não haviam funcionado. Nada mudou. Comecei a chorar ao lembrar os dias que não voltariam mais.

Faltavam apenas duas semanas para o fim das férias. O termômetro do parque marcava 45°C, estava muito quente. Suor escorria do meu rosto. Havia acabado de chegar, queria dar mais algumas voltas e depois sentar na grama para relaxar. Odiava quando meus pais brigavam e eles brigavam todos os dias, todas as horas. Andar de bicicleta funcionava com um escape para mim, me tranquilizava, era como se todos os problemas fossem sumindo um a um. Algo me desligou desse meu momento de meditação.

-Será que alguém me chamou? Olhei para trás e não consegui identificar quem teria feito isso.

Segui pedalando, tentei-me reconectar, meditar. Quando estava prestes a completar a segunda volta escutei;

-Oi gatinho da bicicleta! Dessa vez consegui ver quem tinha me chamado.

Havia três garotas sentadas de baixo de um árvore que gritavam por mim toda vez que eu passava por elas, quando eu olhava em resposta elas começavam a rir e sorrir e então eu sorria de volta.

Depois de algum tempo dessa cena se repetindo decidi parar e ir falar com elas. Enquanto dava passos na direção onde estavam, me perguntei por que havia decidido parar; era tipo uma péssima ideia, eu estava ficando com vergonha, apostava até que estava ficando vermelho. Poderia dizer era de tanto andar de bicicleta. Sim, era isso que eu iria dizer se me perguntassem.

Quando eu cheguei, elas me olharam e começaram a sorrir. Então eu disse. - Oi... Hã... Vocês estavam me chamando? Uma delas começou a rir tanto que caiu para trás.

A garota que usava um lápis azul nos olhos, olhou para mim e respondeu com um sorriso malicioso de canto de boca. - Sim. Nós te chamamos.

Alguns anos depois eu namorei a garota que usava o lápis azul nos olhos. Nós trocamos email e telefone naquele mesmo dia do parque. O primeiro de muitos dias que passaríamos naquele mesmo parque.

Eu me apaixonei por ela naquele ano, mas ela não podia ficar comigo. Não desisti, eu a esperei por muito tempo, esperei até que finalmente chegou o dia que ela me apresentou para a sua família. Dentre as coisas que eu amava nela, o poder que ela tinha sobre mim era a maior. Eu sentia frio na barriga todas as vezes que a encontrava, acho que eram borboletas explodindo na minha barriga. A segunda, bom... O sexo era fantástico.

Na praia, nas dunas, na casa de praia, no chuveiro, no sofá da casa dela, no sofá da minha casa, no cinema, no banheiro do cinema, no banheiro de deficientes, a cozinha da minha casa, no jardim da xácara dos meus pais, nas escadas do prédio dela, nas garagens também, no mato, no parquinho da casa dela e no parque que nos conhecemos.

Os fatos que mais marcaram no nosso relacionamento aconteceram naquele parque. Conhecer ela, me apaixonar por ela, pedir ela em namoro, terminar com ela.

Lágrimas ainda escorriam quando meu celular começou a tocar, tirei ele do bolso para ver de quem era a ligação. Era de minha mãe. Era hora de voltar para casa.

Armário de crianças

Eu nunca fui de falar muito, eu falo pouco até mesmo em casa, acho que quanto menos eu falo mais segura me sinto. Sou uma criança como todas as outras da minha idade aos olhos dos adultos. Porém me sinto distante, me sinto diferente.

Eu observo as pessoas; eu observo os meus pais, os meus professores e os meus colegas. É como se eu narrasse todas essas vidas que me cercam, mas ao mesmo tempo não possuísse controle algum sobre os personagens dessa história, por isso, observo. E o melhor, é que eles não me notam, sou um fantasma.

Sempre tive medo de incomodar os outros, quando as pessoas se sentem incomodadas elas te atacam, quando elas estão com raiva, te atacam. Eu nunca ataquei, eu não consigo atacar.

A minha lógica se baseia no fato de não falar, se eu não falo as pessoas dificilmente notam a minha presença, logo, não se incomodam, não atacam.

Barulho de metal fechando, barulho de metal rangendo, barulho de metal tremendo. O armário.

Mamãe que me acorda de manhã, é sempre antes do dia clarear, menos nos dias que eu não tenho aula, de resto ela sempre me acorda bem cedinho. Todo dia ela faz as mesmas coisas; separa meu uniforme, minhas meias e o meu sapato. Me ajuda a me vestir e depois arruma o meu cabelo, manda eu escovar os meus dentes e dá uma fruta para eu comer.

Eu e mamãe somos as primeiras a acordar e sair de casa, todos dormem; papai só levanta para trabalhar mais tarde, e meu tio e a minha tia, bom... Eles não são importantes. Não gosto deles.

Segurando a minha mão, mamãe vai caminhando em direção ao ponto de ônibus, aquele que fica na frente de uma feirinha de hortaliças. Estamos de pé, esperando o ônibus chegar. Todo dia nós pegamos o mesmo ônibus. Eu sei disso porque o homem que dirige o ônibus é sempre o mesmo, e o homem que pega o dinheiro da mamãe também é o sempre o mesmo.

Não gosto de ir pra escola, mesmo adorando pintar e querendo muito aprender a ler logo, sempre que eu chego perto da minha escola, eu tenho uma sensação ruim. Eu gelo, um calafrio percorre todo o meu corpo e meu sangue vai todo para as minhas pernas, estou pronta pra fugir. Minha escola é um prédio cinza, cheio de janelas com grades e sem nenhuma árvore ou flor no jardim. Cheia de sombras. Lembra mais uma prisão, é, lembra mesmo.

Eu sento na ultima carteira da ultima fileira, ninguém me nota, é melhor assim. No intervalo eu gosto de olhar para o céu. É tão calmo, tão limpo. As crianças da minha turma lanchavam, corriam e gritavam. Tudo ao mesmo tempo. Não sinto vontade de me juntar a eles.

Ao voltar para sala, caminho em direção a minha carteira e me sento, começa tudo de novo. A professora me faz uma pergunta e eu gelo. Não esperava que ela falasse comigo. Eu não a entendi. Não escutei. Fico tão aterrorizada que nem percebo que a professora já não está mais do meu lado. Uma colega se vira e diz; - Ela disse para você tentar fazer de outra forma.

Eu nunca contei isso para meu pais, mas a professora Cláudia tinha um jeito peculiar de educar os alunos que a incomodavam. ‘‘Os mal criados’’ ela colocava eles dentro do armário que havia na sala, no escuro, só se ouvia os gritos e choro dos castigados. E lá eles ficavam espurnando até ela decidir que já haviam sido ‘‘educados’’.

Escuto berros aumentando, eu sinto a agonia dela. Barulho de metal fechando, barulho de metal rangendo, barulho de metal tremendo. O armário.

Eu acordo com medo, mamãe vê a aflição em meu olhar e me pergunta o que houve? Se tive um pesadelo. Respondo que sim e ela me da um abraço. Começamos as nos aprontar para mais um dia.

Já na escola, a professora comenta que hoje seria um dia especial, pois era aniversário de um coleguinha. Fariamos um cartaz de feliz aniversário para ele. A professora desenhou as palavras e de como tarefa que a gente fizesse bolinhas com o papel crepom colorido e colasse por cima das palavras. Me distraio, deixo o pote de cola cair por todo cartaz. A professora olha para mim. Fui notada.

Meu coração começa a bater mais rápido, meu suor desce frio, meu estômago se revira, ela olha pra mim e fala. Não a escuto, Não consigo a escutar. Estou apavorada.

A Professora caminha até mim, ela está furiosa. Não sei o que fazer. Ela me sacode e espera que eu a responda. Estou com tanto medo que a minha voz se vai. Não posso me esconder, não posso correr, estou travada aqui nessa mesa, o suor desce frio por minhas costas. Minhas pernas começam a ficar quentes, e molhadas. Começo a chorar . A professora me dá um tapa na cabeça por ter feito xixi nas calças.

Vejo o armário se aproximando, o escuro me aguarda, Sinto meus cabelos subirem, sinto a dor me dominando, sinto meus pés subirem, sinto o medo me corroendo, escuto os sons misturados, escuto as

vozes turvas, vejo tudo se afastando, vejo o escuro chegando. Vejo aqueles olhos me julgando, vejo a raiva deles me entregando.

Escuto barulho de ferro rangendo, escuto barulho de ferro fechando, escuto barulho de ferro arrastando, escuto barulho de ferro tremendo, escuto barulho de ferro palpitando. A fresta de luz se vai aos poucos. Estou sozinha, estou tremendo. Mamãe... Meu coração para.

Aqui é calmo como as nuvens. Aqui não tem olhos. Aqui as pessoas não me atacam. Aqui não preciso ser fantasma. Eu não tenho medo de escuro.

Mad Line

Havia começado a chover quando decidi sair de casa. Coloquei minha velha jaqueta de couro preta, aquela que Madeleine amava. Atravessei o quarto em passos lentos, abri a gaveta da pequena mesa de cabeceira que se encontrava do lado direito da minha cama. Suspirei. O tempo lá fora só piorava.

Sentada de frente para a sua penteadeira, Madeleine admirava seu próprio reflexo no espelho. Ficava mais bonita quando triste. Sua pele branca e macia estava gelada, nunca mais sentiria calor outra vez. Olhou para janela, ficou vislumbrando a chuva cair.

Madeleine cursava Direito na faculdade federal, sempre fora empenhada nos estudos, era a única coisa que seus pais lhe pediram na vida. Em uma família de doutores, escolheu direito por não saber o que fazer. Preferia decorar leis a mexer em corpos mortos e malcheirosos.

Ainda lembrava-se do dia em que conheceu Carlos e Matheus... Não aguentava mais a aula de teoria do processo, fechou os livros, jogou tudo em sua bolsa e saiu da sala de aula, era bom respirar novamente.

Não poderia ir para casa, saberiam que estava matando aula. Foi até o café Sazione, ficava uma rua atrás da faculdade. Quando chegou, estava tonta de fome, lembrou que não havia comido ainda, acordou atrasada e nem teve tempo de tomar café da manhã. Avistou uma mesa vaga no fundo do salão, caminhou até ela quando sua bolsa bateu na mesa de um rapaz, fazendo uma sujeira na mesa inteira. Não sabia onde enfiar a cara, corou de vergonha.

Eu a teria escolhido se não fosse ela a fazer as honras. Cabelos negros, pele macia, olhos de grama molhada e viva.

Estava sentado lendo as notícias do dia, aguardava meu parceiro de negócio chegar. Carlos, meu amigo desde que me conheço por gente.

Meus pensamentos vagavam entre as notícias do jornal e os negócios da empresa, quando repentinamente uma garota tropeçou na ponta da mesa na qual eu estava, causando um terremoto em meu café expresso e sujando a mesa de fresno negro. Meus olhos acordaram, e a encontraram. Foi assim que conheci Mad.

No opala 1992, preto, duas portas, Carlos pensava, ‘‘que puta azar conhecer Madeleine no mesmo dia que Thiago’’. Bebia uma garrafa de whiskey jack daniels. Seus cabelos pingavam, quando saiu para comprar à garrafa de whiskey a chuva havia começado a cair, tinha um guarda chuva em seu carro, mas

a essa altura já não se importava com nada. O sabor amargo da bebida quente alimentava a raiva que parecia nunca cessar. Lágrimas escorriam dos seus olhos azuis. A cólera o dominava. Não poderia viver sem Mad. Não poderia! Abriu a porta do carro que estava estacionado na rua de trás da casa da amada. Tomou um último gole e jogou a garrafa de wiskey dentro do carro. Fechou a porta.

Empregada- Matheus! O que você está fazendo aqui?

Matheus- Vim ver Madeleine.

Emprega- Não! Você sabe que ela não quer mais ver vocês dois.

Matheus retira um revólver de seu bolso e aponta para a cabeça da senhora empregada.

Matheus- Saia da frente velha, ou meto uma bala na sua cabeça.

A empregada cai no chão em desespero, começa a chorar e Matheus, sobe as escadas em direção ao quarto de Madeleine.

Quando Carlos abre a porta dos fundos, encontra a empregada agarrada a um telefone tentando digitar com pressa nas pequenas teclas.

Empregada- Alô, emergência! Tem um homem louco e armado na casa da minha senhora. Ele quer matar ela!

Em choque, Carlos corre em direção ao salão principal, está correndo ao subir as escadas quando escuta um tiro.

No vácuo que se seguiu após o tiro, só se escutava os berros da Empregada. Carlos ficou surdo, cego e mudo. Se sentia tonto. Seu corpo ficou mole e ele se encostou às escadas. Madeleine não poderia estar morta.

Quando chegou no quarto, encontrou Matheus sujo de sangue. Segurava o corpo da amada em seus braços e chorava em desespero.

Quando notou a presença de Carlos, chorou ainda mais.

Matheus- Nós fizemos isso com ela. Nós a matamos! Gritou.

Carlos- Por quê você matou ela? POR QUÊ? Gritou em resposta.

Carlos caiu de joelhos no chão, levou as duas mãos ao rosto e chorou como nunca havia chorado.

Matheus- Eu não a matei.

Carlos- Como assim voe não a matou?

Matheus – Ela tinha uma arma consigo. Tirou da gaveta da penteadeira... Disse que não poderia viver assim, não poderia viver sem nós dois. Tentei a convencer do contrario. Disse que te chamaria, mas ela não quis nem ouvir. -Contou entre soluços.

Carlos agarrou a arma ainda quente, a arma que Mad havia usado para se matar. Em lágrimas, em chamas pela cólera, disse;

Carlos- Madeleine não disse que não poderia viver sem mim, pois então. Não posso viver sem ela.- E deu um tiro em sua própria cabeça.

Matheus- NÃOOO!!! Carlos! – Matheus gritava e chorava em desespero. Em poucos minutos perdeu a mulher da sua vida e o melhor amigo. A dor era tanta. Doía, a perda doía mais que tudo. Engatinhou em soluços e apunhalou a arma que seu amigo havia acabado de usar, levantou ela até sua cabeça, fechou os olhos. – Por vocês.

Por Sophia

O relógio marcava oito horas quando Anna tomou coragem e levantou da cama para começar a se aprontar. Não sentia vontade de sair aquela noite, porém já havia prometido ir a essa festa. Nunca ia em festa alguma, mas sua única amiga já havia reclamado milhares de vezes que Anna nunca saía com ela, que não era parceira para nada. Anna se viu obrigada a prometer que nessa festa ela iria de certeza.

Os meninos de engenharia mecânica faziam uma festa de halloween na república deles. A república não ficava tão longe do apartamento dela, só tinha que andar três quadras e meia, a república era praticamente do lado da faculdade. Porém só de pensar no empenho que seria tomar banho, colocar a fantasia e se maquiar... Só queria ficar em casa assistindo um filme e dormir cedo. -Porque tinha que ter prometido? Porque sua amiga tinha que ter um espírito tão boêmio?

A campainha tocou. Anna abriu a porta e deu de cara com Sophia.

-Você ainda não está pronta?

-Não... estava indo para o banho agora.

-Então vai logo! Já estou com a maquiagem e o cabelo pronto. Só vou colocar a fantasia. Andaaaa Anna!!!

Anna deixou a água escorrer pelo seu corpo, estava tão cansada. A faculdade estava a matando. Seminários, ensaios e provas. Tanta coisa... Só queria ficar naquele banho, se tornar água e desmanchar. Essa inércia durou vinte minutos até que Sophia a despertou.

-Anna, anda logooooo!!

- Já estou saindo sua chataaa!

Enrolou uma toalha na cabeça e outra no corpo. Quando abriu a porta do banheiro viu Sophia segurando um copo. - O que é isso aí? perguntou Anna sorrindo maliciosamente. - Esse é nosso esquentinha aninha! Roubei do chato do meu padrasto, reza pra ele não notar.

- Experimenta, é vodka com suco de abacaxi.

A bebida era tão doce que mal dava pra sentir o gosto da vodka, Sophia deveria ter socado açúcar no drink. Ana deu um gole e devolveu. -Acho que prefiro deixar para beber na festa.

Sophia fez uma careta - Você que sabe sua enjoadinha.

Anna tinha alugado uma fantasia de chapeuzinho vermelho, combinava com ela. Tinha a pele branquinha e macia como um pêssego, cabelos de cor castanho escuro, quase preto. Colou as meias 7\8 que Sophia tanto tinha insistido para ela usar ‘vai ficar sexy annaaa, os meninos adoram’. Depois de pronta, até que se achou bonita.

Sophia já estava angustiada, queria ir logo para a festa, andava de um lado para o outro sem largar o copo. Vestia uma fantasia de cinderella, combinava demais com ela. Era loira, daquelas que quando entra em um lugar todos notam. Era muito bonita.

- Estou pronta Sophi!!- Disse Anna, terminando de passar seu batom vermelho.

- Aleluia! pensei que iriamos chegar só no próximo halloween. Não esquece de levar seu copo Anna. Vamos.

Desceram as escadas, e seguiram para a republica. O caminho que era para ser um atalho, parece se tornar o mais comprido. Elas chegam e a festa já está no auge. Sophia começa a cumprimentar todos a sua volta, era tão simpática e conhecia todos na festa. Anna se sentia deslocada.

- Vou pegar uma bebida Sophi.- Sophia mal a escuta, mas faz um movimento de positivo com a cabeça.

Voltou com três cervejas, eram três por dez reais. Iria dar uma para Sophia mas não a encontrava. - Vadia, não acredito que ela já sumiu. Despejou a cerveja no copo e deixou as outras duas em cima de uma mesinha que havia no corredor. Se encostou na parede. Olhou em volta, viu duas meninas se beijando de baixo das escadas, cinco pessoas conversando e rindo no sofá, pessoas indo de uma lado para o outro no corredor. A casa estava lotando. A música estava tão alta quanto as vozes de todos conversando ao mesmo tempo.

-Por que a chapeuzinho vermelho está bebendo sozinha? -Anna ouviu a voz grossa e estranha, se virou. Sophia começou a a rir.

- Onde você estava Sophia?

- tinha ido ao banheiro. Você já viu a fila daquele troço? Jesus amado... Não faz essa cara Anna, vem! Quero te apresentar a uns meninos.

Sophia levou Anna pela mão até o quintal da casa, a música não estava tão alta lá.

-Oi rapazes! essa é a minha chapeuzinho vermelho! Ela está a procura de um lobo mau. Anna pisou no pé de Sophia- Sophi!!!

- Brincadeira!!!!

O rapaz vestido de Robin Hood não parava de encarar Anna. - Vocês são tão lindas juntas.

Anna percebeu que ainda estava de mãos dadas com Sophia.

se entreolharam e Anna largou a mão no mesmo instante. Sophia começou a rir.

-Por que vocês não dão um beijos?

-Aninha é puritana demais para essas coisas.

-Não sou não!

Sophia, se vira e olha Anna de uma forma que nunca havia olhado antes, maliciosamente, com desejo. Segura a amiga pela cintura e à beija. morde seu lábio e a solta.

O som da música sobe, todos parecem virar vultos, tudo se mistura num conjunto de luzes e sabores. Anna volta a si com seu copo quase virando.- Tenho que encontrar a Sophi- Disse ela, tropeçando em seus saltos.

Um rapaz tentou a segurar pelo braço, queria ficar com ela. Anna tentou se livrar dele mas ele a segurava forte demais. Então Sophia aparece e joga seu copo cheio de bebida na cara do rapaz.

Enquanto ele gritava de raiva por seus olhos arderem. Sophia puxa Anna pelo braço e juntas saem correndo da republica.

Sophia corria e ria ao mesmo tempo. Anna já estava sem folego, parou.- Não foi engraçado Sophi. Fiquei com medo. Rapaz idiota.

- Já dei um jeito nele Annnaaa! Relaxa, estamos indo para casa.

O sol ainda estava longe de nascer. - Vamos por dentro da faculdade, acho que é mais perto- disse Anna

-Você que sabe.

A faculdade estava completamente deserta e até sombria de certa forma. A madrugada estava fria e nebulosa. A bebida ainda fazia efeito, Anna estava tonta.

Cortaram caminho pelo prédio de história, e foi quando Anna escutou uma risada.

Olhou para trás e não viu ninguém. -Sophia, você escutou isso?

ouviu a risada de novo.

-Sophia? Sophia estava com tanto sono que mal conseguia andar. Aquela bebida deveria ter algo, não era possível.

Anna olhou para trás e viu o mesmo rapaz que havia tentado a agarrar antes, mas dessa vez ele não estava sozinho.

Sentiu medo. - Sophia, anda, sei que você está com sono mas tem gente atrás de nós, anda Sophi.

Anna tentava puxar Sophia quando foi agarrada por trás. sentiu colocarem um pano em sua boca e apagou.

Quando abriu os olhos, viu árvores e árvores. Seus braços estavam amarrados. Os garotos estavam rindo e bebendo mas olhavam em outra direção.

Quando virou a cabeça viu sua amiga sendo atacada pelo rapaz vestido de hobin hood, ouvia -se os gritos abafados pela mão dele. Os olhares assustados das amigas se cruzam, nada daquilo parecia real.

Lágrimas começaram a escorrer dos olhos de Anna.

- Finalmente você acordou! A brincadeira não teria graça com você dormindo. Disse o rapaz vestido de soldado.

Anna agora tentava se rastejar para longe quando foi pega por outro rapaz que a segurou para que o soldado pudesse rasgar toda a sua roupa. Se debatia feito louca mas as unhas do rapaz que a segurava estavam fincadas em sua pele. Sangrava.

Amarram a corda que estava entrelaçada em suas mãos no galho de uma árvore deixando ela pendurada pelos braços. Queria sumir. Queria acordar desse pesadelo. Não era real. Não podia ser real.

Abriu os olhos e viu que agora três homens jogavam Sophia de um lado para outro. Seu corpo estava todo ensanguentado. Tinha desistido de gritar. Aqueles monstros já estavam atacando a moça muito tempo antes de Anna acordar.

- Abre sua boca vadia! Gritou uns dos rapazes que segurava Sophia pelos cabelos.

Mesmo que ela quisesse ela não tinha forças. Seus olhos mal abriam, o sangue em seu corpo se misturava com a terra do bosque. O rapaz que estava sentado apenas assistindo se levantou e caminhou lentamente em direção a Sophia. Tomou um ultimo gole de sua cerveja e então bateu com a garrafa na boca dela.

-ABRE A PORRA DA BOCA!!!- Gritou ele que começou a espancar freneticamente a garota. Bateu no rosto dela até a garrafa quebrar, depois pegou os cacos e começou a arrastar pela pele dela. O caco de vidro refletia a pouca luz do local, deslizando pela pele pálida da moça e deixando uma marca que logo estaria desabando em sangue.

- Você não acha que vai ficar apenas assistindo isso tudo né? Sua amiga disse que você estava a procura de um lobo mal. Agora você tem cinco.

- Ela é minha.- Disse o rapaz que havia a segurado pelo braço na festa.

- Não seja egoísta Herick, sua mãe não te ensinou a dividir?

Os cinco fizeram uma roda em volta dela, jogavam seu corpo de um lado pro outro e então começou...

Anna acordou numa poça de lama, desnuda e com folhas por cima de seu corpo pálido e frio. Por um momento esqueceu de tudo que havia acontecido.

- Sophia!? Sophia, cadê você?

Não encontrava seu vestido. Seu corpo estava repleto de hematomas. Sentia tanta dor que mal conseguia andar. Usou as forças que não tinha para levantar em meio aquela cena de sangue e lama. Cambaleou pelo bosque. Não sabia o que estava fazendo. Até que encontrou um casal que fazia um piquenique e eles chocados com a cena correram para a ajudar. Só teve forças pra sussurrar “socorro” e apagou.

Acordou no apartamento da estudante. estava vestida com um moletom grande. Eles não haviam chamado a polícia, estavam esperando que a moça acordasse para entenderem o que havia ocorrido.

Anna perguntou se eles tinham visto sua amiga: uma garota loira, fantasiada de cinderella. Quando falaram que não tinha mais ninguém no bosque, Anna desabou em lágrimas. Contou o que havia acontecido, que estavam voltando de uma festa e foram atacadas.

Quando chega na delegacia que havia ao lado da faculdade, se depara com os rapazes em direção a saída da mesma, acompanhados por um homem de terno. O homem de terno caminha até ela - Precisamos conversar sobre a sua amiga. Vamos tomar um café.- Ainda sem entender nada, ela aceita.

Sentados na cantina da faculdade. O homem explica como “Sophia e Anna haviam se perdido no bosque, e por causa das drogas ingeridas, Sophia havia se matado. Os pobres cinco rapazes que andavam por perto viram o ocorrido e foram ajudar.” Anna, possesa de raiva se levanta da mesa, o homem fala como o uso de drogas e o envolvimento no caso poderiam ser ruim para seu futuro. Diz que ninguém iria acreditar nela. Que os garotos eram ricos e não seriam presos de qualquer jeito, que ela não tinha escolha.

-Deixe seu orgulho de lado. Só vai te trazer vergonha. O que você está precisando? Um carro novo? Uma casa na praia? Eles podem te dar qualquer coisa, é só você ficar de boca fechada. É isso o que você vai dizer...- O homem entrega uma carta com o texto que Anna teria que decorar e relatar à delegacia.

Anna assentiu, e juntos caminharam de volta a delegacia. Os rapazes a estavam esperando. Anna é escoltada pelo homem de terno e para ao lado de um policial, vê os cinco rapazes responsáveis por acabar com a vida dela e de sua amiga e apenas a sede de vingança passa por sua mente. Seu estômago range da fome, seus dentes rangem da raiva, seus dedos rangem do frio e seus pés rangem da dor. Ela olha cada um nos olhos e finalmente faz o que seu coração em chamas à ordena.

Anna arranca a arma do policial distraído em seu lado. Ainda lembra como puxar um gatilho, sete balas, cinco buracos nos malditos e dois nas paredes da delegacia. O lugar limpo vira uma enchente de sangue. Não consegue distinguir as vozes que gritam para ela misturadas com as vozes em sua cabeça. Deixa a arma cair, coloca as mãos em sua barriga e as vê inundadas de sangue. Cai lentamente vendo um dos policiais com a arma apontada em sua direção. No chão, já com os olhos embaçados, sussurra - Foi por você Sophia.

Eu só estou dizendo que nós nunca ouvimos o lado da história do lobo. – Disse o lenhador para a Chapeuzinho. – Talvez ele tenha um bom motivo pra ter atacado sua vó.

O homem alto e barbudo ergue o tronco recém cortado. – Sabe, lobos atacam em matilha, esse veio sozinho. Sua avó não era caçadora quando mais jovem?

O que você quer dizer com isso? – Disse chapeuzinho com seus olhos verdes como a floresta, mas furiosos como o vento dos Alpes.

Vovó Matilde era querida por toda a vila venture, tinha um acordo com a padaria do povo, fazia encomendas de bolos, doces e salgados para aniversários e confraternizações. A pouco tempo tinha decidido morar na floresta, afastando-se da vila, pois dizia ter problemas respiratórios e que precisava ficar o mais próximo possível da natureza. Assim, todos que precisavam dos seus serviços tinham que atravessar a floresta para encontra-la. Sua neta, Clara, mais conhecida como Chapeuzinho vermelho, lhe fazia visitas todas as segundas e quartas a tarde. Dessa forma, vovó tinha tempo para o verdadeiro motivo pelo qual havia se mudado para a floresta.

O sol acabara de nascer quando Dona Matilde já estava terminando de se aprontar para a sua caçada matinal. Calçou suas botas de couro, colocou sua espingarda no braço direito, e no braço que estava livre pôs a mochilha com a rede e outras armadilhas que tinha preparado na noite anterior. Mordeu sua maçã vermelha como sangue. - É hoje que eu pego esse safado.

Pronta para matar, seguiu floresta a dentro. Era uma manhã fria e nebulosa, a floresta era densa e apenas iluminada pelo sol que passava por entre as folhas das árvores. Atenta a todos os sons da mata, caminhou até o esconderijo do lobo. Já tinha feito um casaco de toda a sua matilha, faltava apenas mais um para a sua coleção e esse ela usaria por todo o inverno, seria seu favorito.

Vovó odiava aquele desgraçado; um lobo de pelugem negra, olhos amarelos, de um tamanho anormal, era o maior que ela já havia visto. A lembrança mais dolorosa de sua vida tinha acontecido por causa daquele lobo e de sua matilha. Tinha jurado que mataria todos e faria um casaco com a pele de cada um e não descansaria até cumprir essa promessa, pois sua irmã quando nova havia sido devorada por lobos.

Vovó deslizava agilmente entre as árvores quando escutou uma respiração ofegante vindo de um buraco debaixo da árvore a sua esquerda. Virou rapidamente, e num piscar de olhos sacou sua espingarda em direção ao lobo que pulou em ataque na mesma hora, não deixando vovó apertar o gatilho. O choque entre os corpos foi tanto que arremessou vovó para um lado e o lobo para o outro. Com sua espingarda longe, Matilde lançou uma faca que trazia consigo. – Melhor assim, não quero sujar tanto o seu pelo, pretendo fazer um belo casaco de você. Um corte rápido e fatal, é isso que vou fazer.

O lobo negro grunhiu em resposta, mostrou seus dentes afiados e pulou em direção a vovó.

O corpo do lobo em choque com o da vovó era tão pesado que ela conseguiu ferir apenas uma de suas patas, passou a faca ligeiramente entre os dedos do lobo antes que ele arremessasse a faca da sua mão para longe. O lobo uivou em resposta ao machucado feito, e vovó aproveitou para correr de volta ao seu chalé na floresta. Estava sem armas. Indefesa. Não poderia lutar contra aquele terrível animal sem armas. Teria que o matar outra hora.

Correu, e correu, sentia que o lobo estava logo atrás dela, porém com a pata machucada.

Talvez vovó conseguisse chegar ao chalé a tempo. Talvez.

Já estava sem folego quando avistou seu chalé, tropeçou em um galho, caiu, levantou desajeitada e correu para abrir a porta. Estava em pânico. Pela primeira vez, vovó não se sentia no controle da situação. Temia por sua vida. Trancou a porta, fechou as janelas da sala e sentou na sua cadeira de balanço. O medo se ia aos poucos. Após alguns minutos em silêncio, vovó já se sentia totalmente aliviada, tinha escapado da morte. Matilde começou a rir sozinha lembrando de tudo que acontecerá a poucas horas. - Foi por pouco.

Lembrou que sua neta, Clara, Logo chegaria para a visita das quartas a tarde, começou então a preparar o café. Tinha que trocar de roupa, estava com a roupa da caçada e ninguém jamais tinha a visto daquele jeito. Seguiu pelo corredor da casa em direção ao seu quarto quando de repente os mesmos olhos cor de mel, aqueles do qual ela havia acabado de escapar a fitaram. Tinha esquecido a janela do quarto aberta. –Burra. – O lobo ao certo teria entrado por lá. O tempo parou. A chaleira gritava, mas vovó não soltaria um piu, sabia que sua morte se aproximava, mas não temia. Quebrou o abajur que se encontrava na cabeceira da cama, e chamou o lobo ao se encontro. – Posso até morrer, mas juro que você vem comigo!

O lobo se içou, nesse momento parecia ter bem mais de dois metros de altura. Abriu sua boca monstruosa lentamente, dava pra ver todos aqueles dentes que mais pareciam facas pontiagudas prontas pra rasgar carne fresca e velha. “Ele queria me amedrontar.”

No breu do quarto, o lobo atacou a vovó, que só conseguiu deixar machucados que futuramente seriam cicatrizes no lobo, não o matou.

O lobo mordeu o pescoço da senhora, ouviu-se um clac e quebrou. Triste. Pensou o lobo, queria que a vovó levasse uma morte lenta e horrível. Ela merecia, tinha matado toda a sua família. Decepo os membros da vovó com mordidas e comeu toda a sua carne. Estava mais que satisfeito. Não era costume comer carne humana, só em extremas situações, como em algum inverno terrível que falta alimento, como já havia acontecido uma vez. O lobo saboreava a sua vingança quando lembrou que a caminho do chalé da vovó havia passado por uma menininha de vermelho, não deu bola na hora, mas e se ela estivesse indo ao encontro da velha?

A porta rangia ao abrir. O lobo se escondeu de baixo da cama. Ficou atento às vozes e passos que ressoavam na casa.

Quando Clara entrou na casa, sentiu que algo estava estranho. Correu e desligou o fogão, a água que uma vez estava na chaleira já havia se evaporado por inteira. Pensou “Vovó sempre foi tão organizada e cuidadosa, não deixaria a casa nesse estado e muito menos coisa no fogo”. – VOVÓ!! VOVÓ!!! É a clara, cadê você? Vovóoo!!!

Clara sentiu um cheiro terrível vindo do corredor. Inquieta e agora com medo do desconhecido caminhou em direção daquele cheiro. A cada passo que dava o chão a madeira respondia com um gemido, que denunciaria caso houvesse mais alguém além dela no chalé.

Quando chegou na porta do quarto de sua avó, Clara entendeu o porque do mal cheiro. Havia sangue pra todo o lado, e pedaços de carne espalhadas pelos cantos. Clara colocou a mão na boca pra abafar seu grito de pavor. Ia desmaiar quando encontrou algo além da carnificina.

Sua mãe havia lhe avisado que a floresta era perigosa, que haviam lobos e que eles comiam as pessoas. O lobo saiu então da escuridão que havia de baixo da cama. Clara não esperou nem um segundo pra dar meia volta e sair correndo. O lobo uivou. Clara correu até o quarto de visitas e se trancou lá dentro. Assustada com a batidas que o lobo fazia contra a porta, caiu no chão. Chorou. Gritou. Desejou que sua mãe a tirasse daquele lugar.

No meio de sua crise e provável morte, deitada no chão conseguiu avistar armas escondidas de baixo da cama. Era o único jeito de sair dessa.

O lobo ainda não tinha desistido, estava quase conseguindo arrombar a porta. Clara agarrou a espingarda pump calibre 12 e mirou na porta. Só tinha que esperar o momento certo. Quando o lobo entrasse no quarto ela iria atirar no meio da sua fuça. Vingaria a sua querida Avó.

A madeira estava quebrando. Conseguia ouvir. Apenas mais uma batida e... BAAM! A fumaça sai lentamente da espingarda, o gatilho volta a sua posição natural, a bala é lançada em direção à porta no momento em que o lobo adentra, negro, com sangue nos dentes, destruindo a madeira. Com estilhaços de madeira voando pelo quarto, a bala viaja da explosão de seu lançamento ao crânio do monstro. Entra deslizando como uma bailarina no palco. Na saída, a bala ejeta brilhante com sua prata, junto com o sangue vermelho vivo do lobo. Que cai no chão, morto. Seu pelo negro brilha com a luz que o alcança, junto com o sangue e a fumaça, tudo se junta na visão de Clara, que cai no chão mais viva do que nunca.

Clara acorda com água em seu rosto, e um cheiro estranho de suor. Ao abrir os olhos da de cara com um homem barbado de aparência simpática. Seus olhos grandes fitavam os pequenos e simples olhos do lenhador, cansado de tanto correr. – Está tudo bem? – Disse ele com Clara em seus braços. A moça apaga novamente, mas dessa vez com a feição aliviada.

Clara anda pela floresta, a mesma que uma vez já foi densa. É outono, as folhas caem no movimento do vento. Ao longe, o barulho de madeira sendo desmantelada. O cheiro dos pinheiros sendo cortados chega até Clara, que avista seu novo amigo, o lenhador. Eles conversam sobre a avó de Clara.

– Acho que o lobo e a sua avó já eram inimigos à tempo...– O lenhador é interrompido por Clara, que termina de derrubar sua primeira árvore. Ela o olha com a raiva de um lobo faminto na noite e diz. – Eu odeio lobos! – Então veste seu novo casaco negro/brilhoso e sai floresta a dentro.

A chegada do cacique Tibiriçá em Portugal.

O céu já estava negro, eu voltava do rio com os outros índios do meu grupo, tínhamos conseguido pescar muito peixe naquele dia, o grupo comemorava.

Na aldeia em que vivo cada um tem a sua função, ninguém é melhor que ninguém. Claro que temos um líder, o Tibiraçá, ele é o nosso cacique, ele que coordena a tribo, nos prepara pra guerra e nos protege. O pagé, é o índio Sapaim, ele é o índio mais experiente e inteligente da tribo, sabe de tudo; cura os índios doentes, conversa com os deuses da floresta, do rio e do céu, faz o parto das índias grávidas e o mais incrível, vê o futuro.

Nossa tribo se chama Tupinanbá. Fazemos fronteira com as terras dos Tupiniquis. Nós mantemos a paz, não brigamos desde que cada um fique nas suas terras. Porém cada tribo, tem seus costumes e suas regras, por isso não nos misturamos.

Caminhávamos em direção à aldeia para entregar para índias que preparavam a refeição o peixe que seria servido na janta. As mulheres da tribo são responsáveis por preparar a comida, elas colhem e plantam também. Cuidam dos índios pequenos, aqueles que ainda são muito crianças.

Após entregar o peixe a Janaina, segui caminhando para a minha oca, fechei os olhos; eu gosto daquela hora do dia, o começo da noite, sigo caminhando de olhos fechados, sinto a terra entre os dedos dos meus pés, sinto cheiro de chuva, vai chover. Ouço grilos, pássaros, risos, e conversas. Esse som ambiente que eu escuto agora de olhos fechados, é a minha canção preferida. Reflito, não poderia desejar nada mais. Tenho tudo.

Escuto o barulho de colares se aproximando, Janaina entra na tenda e diz, daquele seu jeito doce como só ela sabe falar, que o jantar está pronto, que todos já estão a caminho.

A tribo inteira está reunida para comer, a chama da fogueira arde e queima a carne que está no fogo. Vejo o pajé e o cacique conversando com rostos preocupados. Algo está errado. O cacique caminha rumo ao centro da roda, para que todos os índios em volta possam o ver e escutar, diz;

- Atenção! Atenção! AAAAAAAAAAARG! Atenção todos vocês! O pajé traz notícias ruins a nossa tribo, ele quer falar.

O pajé segue em direção ao centro da roda, a passos demorados e curtos. Se põe ao lado do cacique. - Os deuses me procuraram, eles mostraram em meus sonhos o futuro como nunca antes tinham feito, vi coisas que estão longe do meu saber, coisas que não compreendo. Lhes contarei a visão que tive, a visão que os deuses me ofereceram para que eu pudesse informar a todos e não deixar que este destino horrível se concrete.

- Nos meus sonhos, vi homens com caras pálidas, eles eram estranhos, usavam roupas estranhas, e reunidos como nós estamos agora, planejavam um ataque e esse ataque era contra nós.
- Eles querem tomar as nossa terras!
- No sonho que eu sonhei, vi os caras pálidas, chegarem pelo grande mar em canoas gigantes; eles se mostraram amigos e nos deram presentes. Um pedaço de objeto brilhante que reflete a nossa imagem, assim como o mar, foi com isso que eles nos engaram. Depois, tomaram as

nossas mulheres, nossa mata, nosso povo. Eles nos fizeram cortar as nossas árvores e carregar até a grande canoa para que pudessem levar para além do mar, lá nas antigas terras onde viviam. Nos roubaram, e nós como tolos, cegos, ajudamos eles a nos roubar. A história fica pior, essa terra, **ESSA TERRA!** que hoje é habitada por várias tribos, **VAI SER TODA TOMADA POR ESSES CARAS PÁLIDAS!** Vão restar poucos de nós, poucos vão sobreviver à fúria do homem branco, até o dia que não restar mais nenhum de nós.

O único barulho que se ouvia era o barulho da chama da fogueira queimando. Essa era a profecia, a visão, o futuro. Os deuses nos enviaram este sonho, este terrível sonho que se concretizaria daqui algumas estações.

Estávamos aterrorizados por dentro, incrédulos. O silêncio se seguiu por minutos, até que cacique tomou a palavra.

- Não deixaremos os caras pálidas tomar as nossa terras! Eles não nos escravizarão, não roubaram as nossas mulheres e não destruirão as nossas matas! **-VAMOS ACABAR COM OS CARAS PÁLIDAS!**

E a tribo gritou em coro de aprovação.

- Vamos reunir todas as tribos e juntos vamos invadir as terras antigas, as terras deles, e vamos matar todos! **SE É GUERRA QUE ELES QUEREM, GUERRA ELES TERÃO!**

A tribo gritou de novo em favor ao discurso do cacique.

A refeição tomou outro sabor, um sabor de vingança. Mal tínhamos fome, estávamos enfurecidos com os caras pálidas. Nos dias que se seguiram, todos estávamos nos preparando para a grande guerra, enviamos vários guerreiros a todas as tribos que nós conhecíamos, fizemos uma grande janta, onde todos os caciques se reuniram e juntos planejaram o ataque contra os homens brancos.

Os Potiguaras com seu cacique, Iniguaçu, os Tabajaras, com o cacique, Pirabe, os Caetés, com o seu líder Cururupebe, e os Tamoios com o grande, Aimberê. Todos sabiam da visão do pajé Sapim, e nenhum duvidou nem por um segundo da palavra do pajé, seus pajés também haviam tido o mesmo sonho enviado pelos deuses.

Concordaram em se unir contra aqueles que queriam dominar as suas terras. Uniram seus exércitos de guerreiros, passaram dias e noites produzindo armas de guerra, todos. Estavam dominados por ódio, fúria, queriam vingança.

Quando o dia chegou, pisamos em suas praias de maneira amigável, eles não entenderam nada. Então, juntos, todos com um, corremos, gritamos e matamos um a um. “Nós vamos invadir as suas terras!”

Minha amada Sofia

As férias tinham acabado, meu pai me levava de volta para o internato no qual ele me trancafiou durante toda a minha infância. Da janela do banco de trás do carro, eu conseguia ver a minha casa ficando cada vez mais distante. Vi minha mãe acenando para mim. Sentiria saudades do seu perfume Chanel X, de seus cabelos macios e volumosos. Ela passava a noite inteira de bob para no outro dia

seus cabelos ficarem cacheados daquele jeito. Sentiria saudades de mamãe e do cheiro do café quente que ela preparava todas as manhãs durante as férias.

A escola Americana de São Paulo se encontrava no coração da cidade. Sabe, é uma daquelas escolas para gente rica e mimada. Tem como propaganda a preparação dos alunos para universidades renomadas no exterior. Mas em minha opinião, tá mais para uma prisão, que tem como meta alienar cada vez mais essa classe burguesa, moralista e preconceituosa.

No oitavo ano conheci Sofia. Já haviam se passado duas semanas de aula quando o professor anunciou que havia uma aluna nova em nossa classe. Seus cabelos eram dourados, puro reflexo do sol. Possuía olhos azuis e era doce como o perfume que usava.

Sofia tinha dificuldades em matemática. Depois da aula do professor Cláudio, já no corredor, veio correndo ao meu encontro, se apresentou e perguntou se eu poderia lhe auxiliar, pois mesmo com o recém começo das aulas já se sentia atolada de deveres.

Respondi que poderíamos nos encontrar logo depois do almoço, passaria a tarde a ajudando e de bônus mostraria canto a canto do internato. Sofia sorriu de orelha a orelha.

Ensinar matemática para Sofia se tornou meu passatempo favorito. Sempre que não havia aula, Sofia corria até meu dormitório e ficava conversando comigo até a hora das luzes se apagarem. Levava consigo revistas de moda, esmaltes, fita cassetes com algum filme novo, ou discos de suas bandas prediletas. Nunca gostei desse tipo de coisa, sempre rotulei pessoas com esses mesmos costumes de Sofia como superficiais. Porém Sofia não era como as outras pessoas. Colocava amor e paixão em tudo que fazia. Possuía uma ânsia pela vida que jamais tinha visto antes. Sofia me encantava.

Dia após dia nos tornávamos mais amigas. Então que no final do ano, em nossa formatura, Fugimos do grande salão de festas.

A cerimônia não acabava, estava chata. Um saco. Queriam apresentar uma por uma das alunas. Estava esperando na fila com as outras meninas para fazer a entrada no grande salão quando Sofia apareceu atrás de uma porta, na parte dos fundos.

Gritei para que voltasse para fila. Ela acenava com agitação, me chamando ao seu encontro.

Pensei. - Por que não? Sorrateiramente caminhei ao outro canto do salão.

Meu vestido era de um azul Tiffany metálico e brilhava. Continha pedras, strass, e miçangas. Misturava tons e tons de azul e ainda tinha o tule que dava volume ao vestido e que me fazia um bujão de gás. Odiava tanto tutu, nunca entendi essa moda idiota.

Ninguém o notou. O salão estava cheio demais e todos estavam concentrados em suas conversas vazias e banais para repararem que eu estava fugindo. Encontrei Sofia abraçada a uma garrafa de champanhe.

Sofia- Anna, essa festa esta muito chata! Vamos nos divertir em outro lugar.

Anna- Sofia! Seus pais, seus avôs... Sua família inteira está aqui. É a nossa formatura!

Sofia- Estão ocupados! Não vão nem perceber a nossa ausência. Aliás, tenho algo para te mostrar. Você vem comigo?- Respondeu Sofia estendendo a mão para que Anna a segurasse.

Corremos escadas e corredores, nossos vestidos dançavam junto a nós. Sofia ria e sorria. Eu estava deslumbrada. Não me recordava de um momento tão único e feliz como esse. Talvez fosse o primeiro. Talvez fosse por causa de Sofia.

Sofia soltou a minha mão para tirar uma chave que guardava do colo de seu vestido.

Anna- Onde estamos Sofi?

Sofia- Você já vai ver...- Respondeu abrindo a porta da grande biblioteca que havia na nossa escola.

Sofia- Esse é meu lugar favorito aqui. Sempre que me sinto mal venho à biblioteca, é como se alma de cada escritor estivesse junto aos livros que escreveram. Não me sinto sozinha.

Anna- Sofia...

Sofia soltou a garrafa já vazia no chão, e disse “Você me faz a honra dessa dança?”

Dançamos para Tolstói, Shakespeare, Hugo, Drummond e outros. Eu me encontrava completamente embriagada de felicidade. Rodamos, rodamos até cair no chão. Começamos rir. E quando as gargalhas cessaram seus olhos ficaram tão perto dos meus que senti algo que nunca havia sentido por alguém. Então... Sofia beijou meus lábios.

Nós sabíamos que era proibido, que era errado, que não era de Deus. Mas mesmo assim ficamos juntas durante todo o ensino médio, até conseguimos pegar o mesmo dormitório no ano seguinte.

Estávamos escutando Cyndi Lauper no toca fitas de Sofi, quando o telefone do dormitório tocou e eu atendi.

Anna- Alô?

Recepcionista- Olá, é do dormitório 302?

Anna- Sim, pois não?

Recepcionista- A diretora está lhe aguardando Anna. Favor vir imediatamente a direção. Obrigada.

Anna desligou o telefone preocupada.

Sofia- Anna quem era?

Anna- Era da direção eles querem que eu vá lá.

Sofia- Mas eu nem terminei de fazer as mechas no seu cabelo.

Anna- Depois você termina Sofia.

Calcei meu par de melissas e fui até a sala da direção. Pressentia que não era nada bom o que eles tinham pra lhe falar. Quando encontrei a diretora vi que estava certa.

Haviam descoberto sobre Sofia e eu... Nossos pais estavam a caminho da escola. Haveria uma reunião. Parei de escutar naquele exato momento, a diretora continuava a falar, no entanto eu estava surta pelo medo de perder Sofia.

Corri de volta ao dormitório, Sofia já não estava mais lá. Suas coisas estavam bagunçadas, vi que faltavam também. Olhei pela janela do quarto e vi que seus pais estavam a levando embora, tinham ajeitado tudo em uma única mala bem depressa, não queriam um escândalo, por isso a armadilha de me chamarem até a diretoria.

Corri escada a baixo, quando cheguei no jardim o carro já estava partindo. Só consegui ver Sofia pelo vidro do fundo do carro. Ela chorava. Corri em uma falha tentativa de alcança-la.

Gritei, chorei, supliquei. – SOFIA!

Vinte anos se passaram e não há um dia que eu não pense em Sofia, se os tempos de hoje fossem os tempos daquela época, nós poderíamos ficar juntas. Não me deixaram encontrar Sofia novamente. Seus pais a mandaram para um internato no exterior naquela mesma semana que nos separaram. Quando me formei, juntei dinheiro para encontra-la, e foi quando tive a terrível notícia de que Sofia havia adoecido e que morrera de tuberculose no ano anterior.

Ainda lembro de seu perfume, Ainda lembro de Sofia.

Amarrada ao prazer.

A primeira vez que eu o notei foi em uma oficina fetiches que havia na minha faculdade. Os alunos do curso de cênica haviam feito uma peça teatral cujo nome era Sodoma. A oficina era basicamente

para discutir a peça e o que ela queria falar com a performance apresentada. A oficina contava com uma parte prática onde o professor ensinava os alunos uma técnica que consiste em imobilizar o parceiro através de cordas chamada bondage.

Enquanto o professor e todos da oficina discutiam sobre o assunto, o rapaz que estava de frente para mim ficava me encarando. No começo pensei que havia algo de errado comigo, mas depois de algum tempo notei que não era isso.

Alguns integrantes comentaram sobre suas próprias experiências com sessões de masoquismo e sadomasoquismo. Coisas que eu já havia ouvido falar, porém não havia feito ainda. Eles possuíam até contratos, afirmando que davam o direito da outra pessoa a fazer aquele tipo de coisa com o corpo deles. Ele olhava para mim nesses momentos. Como se quisesse dizer alguma coisa.

Comecei a reparar mais quando outra menina começou a puxar conversa com ele, como estava distraído pude analisar pedaço por pedaço do seu corpo. Tinha os cabelos pretos, longos, até o ombro acho...Não tive certeza pois estavam amarrados em coque. Seu rosto sério, seus olhos pretos e intensos, tudo nele era intenso. Estava usando uma regata que deixava mostrar as suas tatuagens que fez ficar curiosa sobre os significados de cada uma delas.

Quando a oficina acabou eu sai depressa, meu pai iria me buscar nesse dia. Foi então que ele veio atrás de mim. Perguntou se eu já estava indo embora, eu respondi que sim. Ele perguntou se eu podia lhe passar o meu número, queria muito conversar comigo em outra hora. Eu passei meu telefone e disse meu nome, ele respondeu dizendo que o dele era Lucas e assim nos despedimos.

Não consegui dormir direito aquela noite. Fiquei pensando na oficina, pensei em tudo que foi discutido, e naquele garoto estranho que havia chamado a minha atenção. Eu queria mais.

Meu celular apitou, era uma mensagem do Lucas. A partir dessa noite começamos a conversar todos os dias. As conversas não fluíam tão bem, porém havia certo mistério, algo me prendia a ele, uma vontade de ter ele. Em uma certa noite ele disse queria me ver, marcamos de no dia seguinte nos encontrar no café da faculdade.

Aqueles olhos negros, eles me devoravam por inteira. Pedimos café e começamos a conversar. Ele perguntou se eu havia gostado da oficina, o que eu achava das coisas que haviam comentado lá. Respondi que tudo despertava certa curiosidade em mim. Nunca tinha tentado nada daquele tipo, só aqueles leves tapas na bunda na hora da relação, e ri constrangida. Foi então que ele perguntou;

Lucas- você não quer tentar algo do tipo?

Gabriela- Tipo algum dia? Quero...

Lucas- Você quer tentar comigo?

Gabriela- Contigo? Nós mal nos conhecemos...

Lucas- Podemos nos conhecer. Podemos fazer um contrato, combinar o que queremos e o que não podemos. Eu quero tentar com você Gabriela.

Aquela proposta me deixou em choque. Não esperava uma proposta dessas agora, do nada. Estava aflita, com medo, mal o conhecia. No entanto, aceitei.

Fizemos o contrato e no contrato ele poderia me chamar à hora que desejasse, eu teria que estar pronta e ir ao seu encontro.

Estava em minha aula história antiga quando meu celular apitou, era o Lucas me mandando uma mensagem “ Preciso de você agora. Deixei uma sacola no seu armário. Quero que você use o que está lá dentro, faça uma trança no cabelo e me encontrei no estacionamento daqui a 30 min.”. Sai da aula e fui direito ao vestiário, quando abri a sacola vi que ele havia colocado lá dentro um lingerie branca transparente, um laço para amarrar meu cabelo e fazer a trança, meias 7/8 de cor bege e uma cinta liga para prender bem elas.

Tomei um banho e coloquei tudo que havia dentro da sacola, por cima vesti minha saia de pregas e minha camisa branca. Fiz a trança e me dirigi ao estacionamento.

Ele estava encostado em seu carro, quando me viu chegando veio em minha direção, perguntou se eu estava me sentindo bem, respondi que sim. então ele pegou em minha mão e me levou até o lado da carona. Abriu a porta para mim e dirigiu até a casa dele.

Ele disse que estávamos indo para a sua casa de praia, lá a gente poderia ficar mais a vontade, disse que eu poderia gemer e gritar sem pudor.

Quando chegamos ele me levou até o quarto, disse pra eu não me mexer. Começou tirando a minha camisa. passou a mão pelos meus braços e seios.

Depois tirou a minha saia, beijou minhas pernas até chegar perto da virilha. Pediu para eu me virar de costas. Tirou de dentro da gaveta, cortas e começou amarrar meus braços do jeito que nós havíamos aprendido na oficina.

Sussurrando em meu ouvido, perguntou se estava me machucando, se eu estava me sentindo bem. Disse;

Lucas- Nossa palavra chave é azul.

Acenei com a cabeça como se dissesse ok. Ele amarrou meus tornozelos e me deitou na cama. Alisou meu corpo inteiro, o preparando para o que viria a seguir. Começou a beijar minhas costas e desceu até a minha bunda. Beijava e lambia, descendo cada vez mais. Começou a me chupar, e eu gemia de prazer. Começou colocando um dedo, depois colocou dois, três.

Tirou um chicote da gaveta.

Lucas- Você lembra da palavra chave certo? - respondi que sim.

Lucas- Gabriela você foi uma má garota?

Gabriela- Não...

Lucas- Pois eu discordo, eu acho que você foi muito má, e garotas más precisam ser punidas.

Lucas foi até a cozinha para buscar algo. Eu fiquei um pouco assustada com o que ele trazia em mãos. Uma caixa cheia de pregadores de roupa.

Ele separou um, dois, três, quatro... seis pregadores. Dois ele colocou em cada um dos meus mamilos. A dor era intensa. Os outros quatro pregadores foram posicionados estrategicamente nos lábios de minha vagina. Dois em cada lábios. Não resisti e comecei a gritar de dor. Lucas, rapidamente, sacou um lenço de seda de seu bolso e usou para tapar a minha boca.

Voltou a beijar e lambeu meu corpo, num ato de tentar acalmar-me. Começou a me chupar novamente, a dor dos pregadores se misturava com prazer que eu começava a sentir. Voltou a usar os dedos, me excitando cada vez mais. Eu não conseguia parar de gemer, mesmo com o lenço amarrado na boca, ainda se escutava meus gemidos de prazer.

Lucas- Como você é gostosa Gabriela... - Disse enquanto me masturbava.

Ele tirou a cinta que usava em sua calça, e me bateu. Olhei para trás e vi ele acariciando o local onde ele havia acabado de bater. Deu um selinho e bateu mais uma vez. bateu uma terceira, uma quarta, uma quinta vez. Lágrimas escorriam dos meus olhos.

Ele largou a cinta, tirou os pregadores dos lábios da minha vagina e voltou a me chupar intensamente. Eu chorava, não só de dor, mais também de prazer. Essa foi a primeira vez que gozei na noite.

Ele desamarrou as minhas pernas, separou elas me colocando em uma posição parecida com a de quatro. Meus braços ainda estavam amarrados. Então ele cuspiu em minha vagina e colocou seu pênis dentro bem devagar. Quando colocava começava bem devagar até quando quase tudo já estava dentro e então ele forçava até eu gemer bem alto.

Lucas- Gabi... Vou tirar a sua mordaca. mas quero que você seja uma boa garota e fique bem quietinha ok?- Disse retirando o lenço que havia amarrado em minha boca.

Jogou o lenço para o lado, e agarrou a minha trança. Ficava puxando ela com força para que eu empinasse a bunda e então começava a dar investidas cada vez mais violentas.

Comecei a gritar e gemer de prazer. A cada estocada que ele dava meu corpo se arrepiava por inteiro. Estava em êxtase.

Lucas- Eu disse para você ficar quietinha não é mesmo? - Ele pegou o chicote que havia deixado do lado da cama e começou a me bater cada vez mais forte. Eu gritava, e ele puxava minha trança e continuava me chicoteando cada vez mais forte. Doía demais. Depois de me bater até minha começar a sangrar, ele desamarrou meus braços, tirou toda a minha lingerie e me beijou na boca.

Seu corpo estava quente, ele estava suado, pude ver que ainda continuava excitado. Lucas olhou para mim dizendo que queria mais. Voltou a me colocar de quatro, passou um gel comestível em meu orifício anal. Me lambeu e chupou, e começou a colocar o dedo. Revesava entre os beijos e os dedos. A sensação era diferente. Era gostoso.

Lucas- agora vou te comer bem gostoso Gabriela, quero que tu goze comigo.- Disse e voltou a colocar seu pênis dentro de mim, só que agora na parte de trás.

Seu pênis era grande demais, a dor era intensa. Eu não conseguia parar de gemer e gritar de dor. Me comendo por trás ele segurava meus peitos e juntava seu corpo ao meu.

Meu corpo estava completamente dolorido, no entanto eu não queria parar. Ele começou a gemer em meu ouvido, me apertando cada vez mais forte até gozar. Meu corpo se retraiu junto ao dele e gozei também.

Quando retirou seu pênis da minha bunda, pude ver que havia fezes e sangue no entorno da cabeça do pau dele. Lucas olhou para mim com malícia e passou o meu dedo na cabeça do seu pau, onde estava sujo, Levou meu dedo até a sua boca e lambeu.

Voltamos a ficar excitados.

Jeito de amar

A internet é uma ótima ferramenta para pesquisa e conhecer pessoas. Larissa, formada em Cinema pela federal de Brasília, e agora cineasta sempre utilizou a internet para incrementar sua networking.

Por intermédio da rede mundial, plataforma virtual dedicada ao compartilhamento de conteúdo entre ex estudantes da universidade, Larissa conheceu Juan, jovem aspirante a juiz. Em um primeiro momento o contato entre os dois limitava-se apenas a tópicos específicos dos ex graduandos. Após alguns meses, criou-se intimidade. Os dois jovens compartilhavam um com o outro gostos, preferências, experiências passadas e planos para o futuro. Um certo dia, Larissa estava se vestindo para uma festa enquanto conversava com Juan via skype. Ela vestiu um longo e justo vestido preto com uma meia-calça bem fina e delicada. Inocentemente ela pediu a opinião de Juan sobre o seu *look*. Ele a elogiou e aproveitou a oportunidade para fazer uma revelação a garota: seu fetiche por pés e meias. Larissa ficou surpresa e intrigada com aquilo. Desligou a chamada e foi para a festa. A partir daquele momento Larissa só pensava no comentário de Juan. Ela não esperava por isso. Contudo, ainda que considerasse o comentário vulgar e inapropriado, Larissa queria saber mais sobre os fetiches e fantasias do rapaz. Quando retornou da festa, Larissa, que estava totalmente embriagada, decidiu provocar Juan. Ela o convidou para uma vídeo chamada. A primeira imagem que o rapaz visualizou assim que atendeu a chamada foi os pés de Larissa envolvidos pela meia-calça que ela usou para ir a festa. Juan ficou extramente constrangido e excitado com aquela cena. Então Larissa perguntou se ele havia gostado. Ele apenas acenou positivamente com a cabeça. Juan pediu para que Larissa tirasse a roupa, mas a jovem disse que estava cansada precisava de uma boa e demorada massagem nos pés antes de dormir. Ela havia declinado o pedido de Juan. Ele, inconformado e sem entender as intenções de Larissa, desligou a chamada e avisou que ela pagaria pelo que fez.

No dia seguinte, Larissa acordou como se nada tivesse acontecido. Ela não se recordava do breve show que proporcionou para Juan. A primeira coisa que fez ao levantar-se foi acessar seu computador. Notou que havia uma nova mensagem. Abriu. Era um bilhete aéreo para a Colômbia. Ela estava confusa. Por que ela havia ganhado um bilhete aéreo para a Colômbia.

Ao chegar na Colômbia, Larissa solicitou um táxi para ir ao local de encontro. Durante o percurso, a jovem mal conseguia conter o desejo, causado pela corda que estava posicionada entre seus lábios e sobre o clitóris. A cada movimento, por mais sutil que fosse, ela se sentia mais e mais molhada.

O local de encontro era lugar escuro e pouco movimentado, Larissa pensou que havia se perdido. De repente ela sentiu alguém se aproximando. Olhou para trás, mas não viu coisa alguma. Porém, ao retomar seu rumo, sentiu uma mão segurar firmemente a sua boca, impedindo-a de gritar. Ela lutou, esperneou, mas não conseguiu escapar. Para não correr o risco de que Larissa escapasse, o estranho tirou de seu bolso um pequeno pano e o enfiou na boca da garota. Logo em seguida, ele lacrou os lábios dela com vários pedaços de *silver tape*. Os gritos de medo e desespero de Larissa eram abafados pela mordação. Este som, combinado com a respiração acelerada da moça, soava como música para os ouvidos do raptor.

Ele a carregou até uma van. Lá, pernas, tornozelos, joelhos, tronco, braços e cotovelos foram amarradas, deixando Larissa totalmente imobilizada e indefesa.

O raptor notou que Larissa estava sem calcinha e com cordas amarradas por baixo da roupa.

O Raptor tirou sua máscara, e foi quando Larissa percebeu que era Juan.

Juan- Agora você vai ver como é meu jeito de amar. - Vendou os olhos de Larissa e acelerou o carro.

'' QUEM SOMOS NÓS? ''

Um roteiro

de

Patricia Paredes

CENA 1- INT. LABORATÓRIO DE ANATOMIA- COMEÇO DA NOITE.

Sofia e Anna estudantes de medicina estão no laboratório de anatomia estudando, quando começam a escutar trovoadas. Sofia, uma garota loira, de 1.70 m sai do laboratório ainda com o seu jaleco e vê pela janela do corredor que há uma tempestade ocorrendo. Volta ao laboratório e conversa com Anna.

SOFIA- Como vamos voltar para a casa com essa chuva?

ANNA- Como se nós morássemos muito longe da faculdade, Sofi... - Respondeu Anna num tom de sarcasmo.

SOFIA- Engraçadinha. Sério, olha a tempestade lá fora, esse vendaval, essas trovoadas. No mínimo vamos pegar um resfriado e eu não quero apresentar o seminário com ranho escorrendo do meu nariz.- Respondeu.

ANNA- Para de ser mal humorada. Aposto que até as 22h a chuva vai parar, diminuir pelo menos. Vamos nos concentrar agora.

CENA 2- INT. LABORATÓRIO DE ENGENHARIA- COMEÇO DA NOITE.

Enzo, um garoto de cabelos castanhos, sardas no rosto, tímido, ajeita seus óculos de grau. Está concentrado demais montando a máquina de radiação que ele e seu grupo haviam planejado e que serviria como projeto de conclusão do curso de mecânica. Quando Natan, loiro de olhos verdes, 1.80 de altura, o mais velho do grupo quebra a sua concentração.

NATAN- Cara, está chovendo demais- Comentou.

Felipe, cabelos negros, usa uma blusa do pink floyd. Para de mexer em se celular e pergunta a Natan.

FELIPE- E o que tem isso?

NATAN- O que tem é que estamos mexendo com radiação e eletricidade. Não sei você, mas não quero morrer tão cedo. Sem falar que podemos explodir o prédio inteiro.

FELIPE- Nossa, nem senti o drama- Responde a Natan.

Impaciente, Enzo ergue os olhos e comenta.

ENZO- Chega! Temos que terminar pelo menos essa parte hoje, o projeto já está atrasado e vocês não estão me ajudando nem um pouco com esse falatório. Daqui a pouco vamos para a casa.

CENA 3- EXT. CAMPUS DA UNIVERSIDADE. COMEÇO DA NOITE.

Pessoas correndo para escapar da chuva pesada que começa a cair. Os cachorros que habitam a universidade começam a latir para o céu. Todos os pássaros voam para longe. Os números do termômetro que há no campus, começam a diminuir até parar em 4C°.

Muitos raios começam a cair. O barulho dos trovoadas assusta os estudantes que começam a gritar de medo. A energia se vai. E a faculdade cai na escuridão.

CENA 4- INT. LABORATÓRIO DE ANATOMIA- COMEÇO DA NOITE.

Sofia abria mais um corpo enquanto mencionava todo o processo para que Anna anotasse o método. A luz se vai.

ANNA- O que foi isso?- Falou com medo.

SOFIA- Pelo visto acabou a energia- Responde.

ANNA- Não quero ficar aqui, vamos embora!

SOFIA- Eles já estão mortos Anna, relaxa.

ANNA- EU VOU EMBORA!

Anna caminha em direção a porta e sente uma mão a agarrando. solta grito.

SOFIA- Calma amor, sou eu.- Fala para Anna.

CENA 5- INT. LABORATÓRIO DE ENGENHARIA- COMEÇO DA NOITE.

Felipe passa a ferramenta para Enzo, quando a máquinas fazem um barulho estrondoso e desligam. A energia se foi.

NATAN- Ótimo. Acabou a energia.

FELIPE- E agora? Oque fazemos?

ENZO- Não podemo ir embora sem arrumar as coisas.

Felipe liga a lanterna de seu celular e aponta ela para seus amigos.

FELIPE- Cara, agora dá para ajeitar tudo. Vamos. Não quero ficar aqui. Vocês não estão sentindo que algo está errado?

CENA 6- EXT. CAMPUS- NOITE .

Já se passaram duas horas após o começo da tempestade. Todos os relógios param, marcam oito e meia. A chuva cessa, os raios cessam.

Sofia liga a lanterna de seu celular para iluminar o corredor. A luz não é forte, quase não iluminada nada. Há neblina no corredor. Anna agarra sua mão.

CENA 7- EXT.CORREDOR- NOITE.

Natan se sente agoniado, sai da sala atrás de um zelador para perguntar quando é que a luz volta. Muito tempo passa e nada do Natan voltar. Felipe vai atrás dele.

CENA 8- INT. LABORATÓRIO DE MECANICA- NOITE.

Enzo termina de guardar os equipamentos, vê que os amigos ainda não voltaram. Pega seu celular e sai a procura deles.

CENA9- EXT. CORREDOR- NOITE.

Enzo não vê consegue enxergar nada. Há uma nevoa cobrindo quase o corredor por inteiro. Grita por seus amigos e nada deles aparecerem.

Continua caminhando pelo corredor quando de repente das profundezas da névoa escuta algo. Uma voz, um ruído, não sabe identificar o que é, chama seu nome.

Enzo começa a caminhar cada vez mais rápido. Ao passar por uma porta vê uma mão, tão longa que chegava ser quase o dobro da dele. Tinha longos dedos e possuía garras afiadas.

Enzo da meia volta e sai correndo desesperado.

CENA 9- INT. PRÉDIO DA FACULDADE- NOITE.

Enzo se depara com criaturas não humanas de aspectos terríveis hipnotizando alguns alunos. Eles enfiam aquelas garras pontiagudas nas cabeças das pessoas e desligavam elas. Como se fossem máquinas.

Avista Natan, sendo deitado um tipo maca, as criaturas começam a abrir seu amigo.

Escorre uma lágrima dos olhos de Enzo que está apavorado com a situação.

CENA 10- INT. DO OUTRO LADO DO PRÉDIO- NOITE.

Sofia e Anna correm sem saber para onde ir. Começam a ver as criaturas não humanas. Alguns deles são gigantes. Eles carregando consigo equipamentos e tupos. Eles estavam levando alguns dos alunos.

Sofia é pega por trás. Grita, mas Anna não consegue a ajudar a tempo.

SOFIA- Corre Anna!! Corre!!

CENA 11- EXT. CAMPUS FACULDADE- NOITE.

A Faculdade toda está sob uma luz violeta. Há muitas criaturas e elas estão modificando seus experimentos. Os humanos. Houve uma interferência no Habitat. Tiveram que descer a ajeitar o habitat das cobaias.

Criaturas gigantes, médias e pequenas. Algumas asquerosas e outras corpulentas. Andavam pelo pátio fazendo alterações. Reavaliando as cobaias.

CENA12- INT. CORREDOR- NOITE.

ENZO desce correndo as escadas e esbarra em Anna. Os dois estão desesperados. Anna conta em prantos que há seres horríveis ali e que raptaram sua namorada.

Juntos tenta se esconder das criaturas.

Correm até a lanchonete e lá são pegos.

Eles apagam.

CENA13 - INT. CASA- DIA.

Enzo acorda assustado em sua cama sem entender o que havia acontecido. Está com três manchas vermelhas no pescoço.

Enzo na cozinha observando sua família agir normalmente.

Enzo na faculdade observando as pessoas agirem normalmente.

Todas elas também possuem as três manchas. Percebe que não foi apenas um sonho. Começa a se perguntar o que eram aquelas criaturas grotescas e quem são nós. Ficou louco.